

Istoé

23/5/1984

BRASIL

### O amargo nó da cana

*Os bóias-frias rebelam-se em São Paulo e pela primeira vez levam os usineiros à mesa de negociação*

Em greve desde o começo da semana para conseguir melhor pagamento pelo seu trabalho, 6 mil bóias-frias tornaram a praça principal de Guariba — uma pequena cidade de 25 mil habitantes, a 360 quilômetros de São Paulo e 60 de Ribeirão Preto —, armados de paus e pedras, enxadas e podões, os longos e largos facões que usam para cortar cana. Durante quatro horas, das 7 às 11 da manhã da terça-feira passada, eles viraram e queimaram carros e caminhões, demoliram e incendiaram o prédio da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), revoltados com as altas tarifas do serviço de água e esgoto, saquearam o maior supermercado da cidade e enfrentaram os tiros e bombas da Polícia Militar, num conflito que deixou um morto e cerca de trinta feridos.

Nos dois dias seguintes, o exército de bóias-frias sitiou Guariba, controlando as saídas da cidade para impedir a circulação de caminhões que transportam trabalhadores para as usinas de açúcar até quebrar a resistência dos empresários, que se renderam e pela primeira vez sentaram-se à mesa para negociar salários e condições de trabalho com seus empregados eventuais.

A greve dos bóias-frias de Guariba era esperada desde o ano passado, quando as 26 usinas da região resolveram instituir o sistema de "sete ruas" para o corte de cana. Na linguagem dos bóias-frias, um "talhão" é uma área plantada com filas de cana separadas entre si por uma distância de 1,50 m. São essas filas que eles chamam "ruas". Para o empresário, as sete ruas oferecem as vantagens de formar pilhas mais altas e clareiras mais largas, o que possibilita uma economia de até 40% de combustível dos veículos que transportam a cana. Já para o cortador, as sete ruas representam muito mais desgaste físico e menor ganho. Foi por isso que, ainda no ano passado, os cortadores de cana da região começaram a pensar em fazer uma greve contra esse sistema.

A idéia da greve voltou a circular na segunda-feira entre os cortadores dos canaviais da Usina São Martinho, a maior da América Latina, no município de Pradópolis. E foi na madrugada de terça-feira que Cláudio Amorim ficou sabendo que o seu supermercado seria saqueado pelos grevistas. "Eu também vendo pão", ele conta, "e quando fui fazer a entrega me disseram tudo o que ia acontecer". Cláudio Amorim ainda correu para avisar os outros comerciantes e pedir proteção à polícia, mas àquela hora, 4h30m da manhã, já era muito tarde. Os bóias-frias acordam às 3 horas para ir para o ponto onde o caminhão deve recolhê-los. Naquela madrugada, no entanto, ninguém embarcou. "O povo cortou os pneus dos caminhões, que era para ninguém ir pra roça", conta Margarida Tavares, uma desgasta trabalhadora de 30 anos. Ninguém sabe dizer quem, logo depois, deu o primeiro grito chamando o povo para destruir o prédio da Sabesp. "Eu acho que foram agitadores. Gente do PT, da Igreja ou do PDS", suspeita vagamente o prefeito Evandro Vitorino, 42 anos, do PMDB. A mesma opinião, por sinal, revelada pelo secretário do governo do Estado, Roberto Gusmão, ao ministro do Trabalho, Murillo Macedo, no final da tarde da quarta-feira. De Brasília, Murillo queria saber como estava a situação em Guariba. Gusmão respondeu que os bóias-frias são gente pacata, "mas estão com a barriga vazia, não é, Murillo?" O secretário estava irritado com o que ele chama de lideranças irresponsáveis, "esse pessoal da Convergência Socialista, PC do B, PT, que incita o pessoal e depois não consegue controlar as bases". Em Guariba, pelo menos, é

improvável. O PT sequer existe na cidade, da Convergência ninguém jamais ouviu falar e o padre José Domingos Braghetto, da Pastoral da Terra, estava a centenas de quilômetros dali, em Mato Grosso do Sul.

Assim, pelo crônico estado de revolta dos trabalhadores deve ser responsabilizado o sistema de trabalho a que estão submetidos, sem garantia de espécie alguma e sujeito a interrupções todos os anos, no final da colheita. Pela súbita explosão da terça-feira, a Sabesp, que cobra pela água preços que às vezes superam a metade do salário normal de um bóia-fria. Há meses a população estava revoltada com as contas que vinha recebendo. "Lá em casa somos quatro pessoas e eu ganho 120 mil cruzeiros por mês", conta José Aparecido da Costa, "e a minha conta de água foi de 38 mil cruzeiros". Assim, gritando e arrastando os facões no asfalto, para arrancar faíscas, os bóias-frias correram para a praça Padre Celso, no centro da cidade.

Nas três horas seguintes, enquanto os dezesseis policiais da delegacia local esperavam a chegada de reforços de Araraquara, eles destruíram o casarão da Sabesp. Primeiro eles o demoliram, a golpes de enxada e facão, depois picaram tudo que havia dentro, das contas de água ao computador que as emitia, e por fim atearam fogo aos escombros. Não escapou nem mesmo o dinheiro, que ninguém se interessou em roubar.

É provável que nunca se descubra quem deu o primeiro tiro. Cláudio Amorim, o dono do supermercado, garante que foram os bóias-frias, que negam, acusando os policiais. "Foi o soldado Lima. Ele atirou e matou o velho", conta José de Fátima. Amaral Vaz Meloni, 48 anos, não estava participando do quebra-quebra. Um aposentado bastante conhecido na cidade, ele assistia a tudo a distância, quando a bala o atingiu na nuca e foi sair pela face. Amaral Vaz Meloni morreu na mesma hora.

Nem os tiros nem as bombas da PM, entretanto, impediram o saque. As portas foram arrombadas e a multidão levou tudo que encontrou pela frente, de macarrão a televisores em cores. Quando o tenente José Guelchi de Aguiar tomou um tiro no ombro, a polícia recuou e só às 11 horas, com a chegada de 160 soldados de Araraquara, a situação começou a voltar ao normal.

Horas depois o secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto, conseguiu o primeiro recuo dos empresários: eles concordaram com a volta ao sistema de cinco ruas no corte da cana em toda a região. Mas só aceitavam discutir as outras dezenove reivindicações apresentadas pelos trabalhadores no começo desta semana. Assim, ainda impacientes, os bóias-frias reuniram-se outra vez em assembléia, na manhã da quarta-feira, e decidiram continuar a greve.

Foram necessárias outras 24 horas de tensão e pequenos choques, nas ruas e entradas da cidade, para que os empresários decidissem negociar todo o acordo. Durante esse tempo, enquanto o comércio mantinha as portas fechadas e o fornecimento de água era suspenso, devido à suspeita de que os bóias-frias tivessem jogado veneno no reservatório, os trabalhadores ocuparam os trevos rodoviários, impedindo que qualquer veículo entrasse na cidade ou dela saísse. Ao anoitecer, registraram-se as primeiras tentativas de atear fogo aos canaviais. Os usineiros então comunicaram ao secretário Almir Pazzianotto a decisão de negociar. Na manhã da quinta-feira, finalmente, atenderam treze das dezenove reivindicações dos bóias-frias, que festejaram a vitória ruidosamente, gritando e consumindo uma impressionante quantidade de aguardente, que usam habitualmente para compensar a falta de alimentos.

Assim a paz voltou à assustada Guariba, cuja população, depois de dois dias de susto e privações, finalmente respirou aliviada. Mas não à conturbada região onde brota 1 de cada 3 litros álcool produzidos no Brasil. Na manhã da sexta-feira, 2 mil bóias-frias de Monte Alto, município vizinho a Guariba, entraram em greve e saquearam o comércio local, exigindo a

extensão do acordo também para sua área de trabalho. Era uma consequência lógica da movimentação que, além dos cortadores de cana, agitou ao longo da semana também os apanhadores de laranjas da região de Bebedouro, igualmente submetidos a duras condições de trabalho e certos de que este ano, graças ao frio que queimou parte dos laranjais americanos, o produto alcançou preços estratosféricos. Eles também se organizaram em piquetes, enfrentaram a polícia com paus e pedras, mantiveram Bebedouro e o Palácio dos Bandeirantes assustados, mas até o final da semana não haviam sido atendidos em suas reivindicações.

***(Páginas 16, 17 e 18)***